

COMO ELXS DISCUTEM QUESTÕES DE GÊNERO? ANÁLISE DO POTENCIAL DELIBERATIVO DE DISCUSSÕES ONLINE SOBRE FEMINISMO

HOW DO THEY DISCUSS GENDER ISSUES? AN ANALYSIS OF THE DELIBERATIVE POTENTIAL OF ONLINE DISCUSSIONS ABOUT FEMINISM

Carla Candida Rizzotto*

Paulo Ferracioli**

Leila Braga***

RESUMO:

Partindo da visão discursiva da democracia que põe a deliberação como centro do processo democrático, este artigo tem como objetivo analisar o potencial deliberativo das conversações online sobre questões relacionadas ao feminismo, através da análise de 1.079 comentários de seis diferentes *posts* do blog feminista *Escreva, Lola escreva* (ELE). A metodologia de análise foi inspirada em um livro de códigos proposto por Stromer-Galley (2007), com base na teoria habermasiana, que propõe que a análise do potencial deliberativo de conversações cotidianas leve em consideração a justificação expressa da opinião, a fonte de embasamento, a existência de divergência, a manutenção do tópico primário e o nível de engajamento dxs participantes. Notou-se que a conversação se centrou sobretudo no conflito entre os sujeitos marcado pelo desrespeito. Entretanto, o alto índice de divergência é benéfico para a deliberação, uma vez que assinala a existência de pontos de vista diferentes e propende o sujeito a trabalhar sua argumentação, bem como denota a presença de engajamento.

* Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná. Bolsista de Pós-doutorado PNPd/Capes. PARANÁ, Brasil. carla_rizzotto@yahoo.com.br.

** Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Paraná. Bolsista Capes. PARANÁ, Brasil. ferracioli.paulo@gmail.com.

*** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná. PARANÁ, Brasil. braga.leilap@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: *deliberação, conversação online, feminismo.*

ABSTRACT :

From a discursive vision of democracy that puts the deliberation at the center of the democratic process, this article aims to analyze the deliberative potential of online conversations on issues related to feminism, analysing 1,079 comments from six different posts of the feminist blog *Escreva, Lola, Escreva* (ELE). The analysis methodology was inspired by a codebook proposed by Stromer-Galley (2007), based on Habermas' theory, which suggests that the analysis of the deliberative potential of daily conversations should take into consideration the reasoned opinion expression, the source of the opinion, the existence of divergence, the maintenance of the primary topic and the level of engagement of the participants. It was noted that the conversation focused mainly on the conflict between the subjects and was marked by disrespect. However, the high rate of divergence is beneficial for deliberation, since it points to the existence of different points of view and permits the subjects to work their argumentation, as well as denoting the presence of engagement.

KEYWORDS: *deliberation, online conversation, feminism.*

INTRODUÇÃO

A deliberação tem como objetivo encontrar a melhor solução em controvérsias políticas, promovendo a legitimidade das decisões coletivas: aquelxs que não foram abrangidos pela decisão final são levados a aceitar a pertinência da medida. Ainda, a deliberação promove perspectivas embasadas de espírito público e acaba por mitigar o individualismo exacerbado e falta de generosidade dos envolvidos. A deliberação também propicia o respeito mútuo entre xs participantes, uma vez que pessoas com valores morais incompatíveis podem perceber a validade dos argumentos opostos aos seus. Permite, ainda, corrigir os erros coletivos decorrentes do desconhecimento. Ao expandir o conhecimento sobre os assuntos, permite rever as próprias posições e o entendimento do que é melhor para xs cidadãxs (GUTTMAN; THOMPSON, 2004).

Próximas às discussões deliberativas estão as conversações e interações cotidianas que, ainda que nem sempre possuam objetivos democráticos, por vezes são politicamente orientadas: *“In such moments, partners in an interaction may focus on exchanges aiming at reciprocal understanding, attempting to bring up latent conflicts by means of communicative rationality and/or persuasion¹¹.”* (MARQUES; MAIA, 2010, p.614).

A conversação mediada por computador, por sua vez, apresenta importantes diferenças em relação à conversação presencial: privilegia o anonimato, fazendo com que a linguagem seja utilizada pelos sujeitos para construir sua identidade; proporciona distanciamento físico; persiste no tempo e privilegia o texto (RECUERO, 2008). Nesta pesquisa, parte-se da hipótese de que as duas primeiras características citadas - o anonimato e a distância - são determinantes para o desenvolvimento da conversação online e afetam o seu potencial deliberativo.

Tendo essa premissa como ponto de partida, este artigo tem como objetivo analisar o potencial deliberativo das conversações online sobre questões de gênero. Busca responder em que grau essas discussões contribuem para que os envolvidos revejam suas posições sobre o feminismo e suas demandas, através de um debate racional e justificado.

Para atingir os objetivos propostos, a primeira seção deste artigo expõe os conceitos de deliberação e conversação cotidiana, discutindo sua evolução e inter-relação. Em seguida, na segunda seção, são apresentados o método de análise e o corpus da pesquisa. Foram analisados os comentários do blog feminista *Escreva, Lola escreva* (ELE), considerado um dos mais importantes blogs feministas do Brasil. O ELE, que dentre as várias discussões que promove, se destaca pela crítica de mídia das questões de gênero, existe desde 2008 e é escrito pela professora da Universidade Federal do Ceará, Lola Aronovich. O corpus de análise foi construído a partir de um recorte temporal, temático e de relevância. Assim, foram selecionados os *posts* do mês de março de 2016, que tratavam de questões de gênero e que possuíam mais do que 100 comentários. Este critério gerou um total de 1.079 comentários de seis diferentes *posts*. A metodologia de análise foi inspirada em um livro de códigos proposto por Stromer-Galley (2007), que, embasada na teoria deliberativa de Habermas, propõe as seguintes categorias para a análise do potencial deliberativo de conversações cotidianas: justificação expressa da opinião, fonte, divergência, igualdade, tópico e engajamento. Por último, os resultados da análise são expostos e discutidos, com a intenção de oferecer indicativos para a discussão sobre o potencial deliberativo das conversações online.

DELIBERAÇÃO

O entendimento de deliberação decorre do pensamento de Jürgen Habermas que apresenta, em seus estudos, uma visão discursiva da democracia, que põe a deliberação no

centro do processo democrático (2006). Pode-se vislumbrar, portanto, um conceito de democracia deliberativa, que pode ser definida como:

a form of government in which free and equal citizens (and their representatives), justify decisions in a process in which they give one another reasons that are mutually acceptable and generally accessible, with the aim of reaching conclusions that are binding in the present on all citizens but open to challenge in the future²² (GUTMANN; THOMPSON, 2004, p. 7).

Essa concepção de democracia vincula o sucesso da deliberação não à existência de cidadãxs atuantes, mas à institucionalização de procedimentos e condições de comunicação. A democracia se concretizaria no fluxo entre o que vem das instâncias decisórias e as redes da esfera pública, que são autônomas e independentes de mercado ou governo, um espaço propício para a constituição de arenas nas quais a opinião pública pode ser formada.

Essa é uma visão que enxerga a deliberação como um componente de uma sociedade complexa, em que o sistema político integra outras esferas da vida e com elas interage (HABERMAS, 1984). A deliberação não está dependente de cidadãxs que decidam agir pela coletividade, mas do estabelecimento de processos institucionais que permitam seu florescimento, criando o jogo entre centros de poder e discussões na opinião pública (HABERMAS, 1997). Não se trata da descrição de um sistema político atual em marcha: é um ideal de funcionamento democrático, mas que precisa de amparo na realidade para evitar se transformar em mera utopia (GUTTMAN; THOMPSON, 2004). A deliberação não ignora que algumas decisões acertadas possam ocorrer sem a deliberação. Ela é, no entanto, um melhor caminho para se chegar a decisões mais justas ou menos insatisfatórias. As alternativas a esse processo, como a tomada de decisões apenas por uma elite política ou pela barganha entre os grupos de interesse envolvidos, não são condizentes com os valores democráticos (GUTTMAN; THOMPSON, 2004).

A deliberação permite que a participação política ocorra através do intercâmbio de argumentos, sem que seja preciso envolvimento direto nas decisões (MAIA, 2008). Importante levar em conta que a deliberação conseguiu encontrar sua força legitimadora ao desenvolver a racionalidade que privilegiava o “fórum” sobre o “mercado” (BOHMAN, 1998). A democracia deliberativa, assim, institucionaliza as interações discursivas de modo a legitimar as decisões a serem tomadas por esse sistema (HABERMAS, 1997).

Cabe ressaltar que a formulação habermasiana de deliberação sofre profundas críticas de teóricas feministas como Nancy Fraser e Iris Young. Fraser (1987) critica principalmente a divisão entre o sistema e o mundo da vida, alegando que situar a família no “mundo da vida” é ignorar a dinâmica opressora que a envolve. Young (2000), por sua vez, questiona a figura do sujeito imparcial, justificando que deslocar os indivíduos de seus contextos específicos é impedir que as desigualdades que os constituem sejam visualizadas.

Acreditamos, todavia, que a teoria deliberacionista e o feminismo não são irreconciliáveis. Conforme afirma Sarmiento (2014) em análise do debate mediado pelos jornais Folha de S. Paulo e O Globo a respeito da Lei Maria da Penha, é fundamental que a luta contra a desigualdade de gênero se dê nas mais diversas esferas discursivas e não tão somente no âmbito institucional.

É a partir do engajamento argumentativo com o discurso outro (e, por vezes, com o outro opressor) que acreditamos ser possível a construção reflexiva da justiça de gênero. Obviamente, a discussão pública não é o único remédio, mas negar sua importância também não nos parece frutífero para a construção de relações mais igualitárias. (SARMENTO, 2014, p.99)

Feitas tais ressalvas, destacamos os aspectos da deliberação que são comuns a todos os estudos que sobre ela se debruçam - como a autonomia dxs cidadãxs, a acessibilidade, a não-coação, a valorização da reflexão e a revisibilidade. O primeiro diz respeito à importância conferida aos cidadãxs. Não se pode considerá-los como meros seres passivos e afetados pelas leis produzidas e decisões tomadas, mas como agentes com autonomia para interferir no processo democrático e compreender os motivos do que está sendo discutido (GUTMANN; THOMPSON, 2004).

É preciso levar em conta também que a deliberação precisa ser acessível aos cidadãxs, sob dois aspectos principais: as discussões devem ser públicas, ou seja, de acesso a todos, bem como os conteúdos e argumentos precisam ser entendidos pela população (GUTMANN; THOMPSON, 2004). Há a necessidade que não haja coações externas ou internas sobre xs participantes. O aspecto de coação externo supõe que xs participantes são soberanos “na medida em que estão submetidos apenas aos pressupostos da comunicação e às regras do procedimento argumentativo” (HABERMAS, 1997, p. 29). Tampouco há coações internas, quais sejam, aquelas que diferenciariam xs participantes e impediriam a igualdade entre elxs.

Tendo em vista que as razões trazidas à deliberação precisam ser do entendimento de todos, há alguns argumentos que ficam fora da disputa (os de cunho religioso, por exemplo). Para entender quais razões são bem-vindas na democracia deliberativa, é preciso preencher os seguintes requisitos: inicialmente, o argumento tem que partir de uma perspectiva desinteressada, que poderia ser adotada por qualquer membro da sociedade. Assim, é possível distinguir argumentos egoístas daqueles válidos independentemente de raça, posição social, credo etc. Depois, é preciso garantir que os argumentos baseados em evidências empíricas estejam abertos a testes de reprodutibilidade por métodos universalmente aceitos. Por fim, as razões que não derivem de constatação empírica não podem ser radicalmente implausíveis (GUTMANN; THOMPSON, 2004).

A deliberação não exige um resultado imediato, mas compreende a valorização da reflexão, da explicação dos interesses dos grupos, da ponderação sobre as consequências das possíveis decisões e da descoberta das “soluções possíveis”. Essa concepção de democracia põe ênfase no caráter comunicativo da política, ao visualizar a tomada de decisões como consequência de trocas de argumentos relevantes nos mais variados espaços. É uma maneira de garantir que a legitimidade do poder político se dê através da justificação pública, cabendo aos indivíduos raciocinar com base nos argumentos apresentados e tirar suas conclusões em um processo de comunicação que ocorra da maneira mais livre possível (MAIA, 2008).

Toda e qualquer matéria pode ser objeto da deliberação, uma vez que até mesmo os temas ditos privados podem constituir objeto de interesse dos participantes, conforme já havia sido teoricamente construído nas discussões de esfera pública. É a própria deliberação quem pode indicar quais os assuntos que entrarão ou serão excluídos do debate (GUTTMANN; THOMPSON, 2004).

A deliberação possui, ainda, um caráter de revisibilidade. Os participantes sabem que as preferências expostas podem não ser as mesmas que terão no futuro e que, caso surjam novos argumentos, as decisões podem ser alteradas através de nova rodada deliberativa (GUTTMANN; THOMPSON, 2004). O respeito mútuo é elemento essencial para a democracia deliberativa, uma vez que as decisões são atingidas através de um debate e não da força.

Desse respeito entre os participantes, decorre também a necessidade de que eles se mantenham abertos à mudança, ao ponto até de passarem a compartilhar a visão de seu

então oponente. Deve haver um balanceamento entre manter posturas firmes e estar preparado para mudá-las caso a deliberação aponte outros caminhos. A deliberação não exige que se abra mão das convicções pessoais para chegar a um resultado, mas que sejam buscados pontos de convergência entre as questões opostas para evitar confrontos desnecessários (GUTTMANN; THOMPSON, 2004).

A deliberação depende do entendimento de que a convivência com pessoas de visões opostas é possível, uma vez que xs detentores do poder devem prestar contas de suas ações (porque são “*accountables*”) e sempre buscarão a legitimidade das suas decisões na esfera pública. Alguns desacordos não podem existir no debate deliberativo, pois infringem as regras básicas (por exemplo, visões discriminatórias de qualquer grupo). Outros constituem a própria essência do debate deliberativo e não podem ser resumidos em certo e errado (GUTTMANN; THOMPSON, 2004). É exatamente essa junção de argumentos que favorece a deliberação, uma vez que

each alone is likely to be mistaken if taken comprehensively, all together are likely to be incoherent if taken completely, but all together are likely to be instructive if taken partially. A democracy can govern effectively and prosper morally if its citizens seek to clarify and narrow their deliberative disagreements without giving up their core moral commitments³³ (GUTTMANN; THOMPSON, 2004, p. 28).

As pesquisas sobre o tema usualmente focam na possibilidade de realização (“*feasibility*”) da deliberação, o que permitiu perceber os problemas e as possibilidades da teoria deliberativa (BOHMAN, 1998). As pesquisas se direcionaram para o estudo do processo deliberativo em si, ao invés de prever procedimentos ideal-típicos, mas cuja realização seria quase impossível, além de apontar os obstáculos empíricos que a deliberação atravessa (BOHMAN, 1998). Esse é um dos diferenciais da deliberação, inclusive: várias formas de tomada de decisão podem ser acopladas a ela e qualquer decisão pode ser revista através desse mesmo processo.

Em sociedades complexas, a solução comunicativa dos conflitos, ou seja, a deliberação, se vislumbra como a única maneira de sustentar a solidariedade entre xs cidadãs (HABERMAS, 1997). A deliberação não exclui outros processos de decisão, como a votação e a representação. No contexto atual, em que tempo é um recurso escasso, esses outros métodos se tornam uma necessidade (BOHMAN, 1998). Trata-se de “*work not only to make the familiar institutions of democracy more friendly to deliberation but*

also to extend the scope of deliberation to institutions where it has not previously dared to go44” (GUTTMANN; THOMPSON, 2004, p. 56).

Há, entre xs deliberacionistas, uma divisão entre xs defensores de deliberações micro e aqueles que apoiam as deliberações macro. Xs primeirxs valorizam os fóruns estruturados nos quais xs participantes bem-informadxs se reúnem para dialogar e atingir seus resultados. A deliberação macro é vista mais como processo de formação de opinião, que ocorre em espaços informais e se baseia na comunicação entre grandes grupos. Essa dicotomia entre sistemas micro e macro levou xs pesquisadores a cunhar noções mistas, nomeadas de sistema integrado de deliberação (SAMPAIO; MAIA; MARQUES, 2011). Essa concepção integrada permite que o debate ocorra em diversas esferas públicas, ao mesmo tempo em que atrai mais pessoas para os fóruns de decisão e as mantém melhor informadas.

Fortalece-se, assim, uma compreensão sistêmica da deliberação que busca entender os processos de articulação entre diversas arenas e momentos discursivos. Nesse contexto, a teoria deliberacionista dá mais atenção ao papel de movimentos sociais, da mídia e das conversações informais, o que faz com que a perspectiva retorne, de certa forma, a suas origens. Mais do que focar a deliberatividade de uma prática, há uma preocupação em entender a capacidade deliberativa de diversas arenas e suas possíveis contribuições para o fortalecimento da democracia (MENDONÇA; SAMPAIO; BARROS, 2016, p. 24).

A evolução do conceito de deliberação levou ao surgimento de perspectivas mais amplas, como a de Jane Mansbridge (1999), que propõe um sistema deliberativo que consistiria em uma estrutura heterogênea de redes institucionais e informais - incluindo aqui a conversação cotidiana - dentro das quais xs atores sociais procuram soluções para questões públicas.

A conversação política cotidiana consiste na combinação de temas políticos e experiências pessoais, reunindo diferentes formas de comunicação, como a conversação informal, o debate político e a deliberação pública conduzida a partir de uma agenda definida. Possibilitam que xs cidadãxs interajam de modo a compartilhar seus valores e experiências mais livremente, aumentando a diversidade de opiniões que circulam nas redes e, conseqüentemente, aumentando a qualidade da formulação das opiniões individuais (MARQUES; MAIA, 2010).

Nem toda conversação política, entretanto, possui fins democráticos, *“some communicative interactions are more cooperative, whereas others are prone to conflict,*

*increasing the distance rather than bringing them together*⁵⁵” (MARQUES; MAIA, 2010, p.614). Ainda assim, oferece contribuições para a deliberação, pois pode desafiar regras e preconceitos a partir do compartilhamento de experiências individuais em um contexto coletivo, além de ajudar os indivíduos a compreenderem melhor seus desejos e necessidades individuais e coletivos (MARQUES; MAIA, 2010).

Conover and Searing (2005) recognize that the practice of deliberation is far more rigorous than informal everyday conversations on issues of public interest. These authors, on the other hand, follow the approach taken by Mansbridge when stating that everyday political conversations, although often disperse in character and weak in deliberative quality, seem to produce certain desirable consequences, namely forming autonomous, informed, and critical citizens. These are consequences often attributed to more rigorous deliberation practices⁶⁶ (MARQUES; MAIA, 2010, p. 615-616).

Essas consequências são maiores quanto maior a capacidade de penetração dos processos deliberativos informais em todos os segmentos da sociedade. Destacam-se, assim, os meios de comunicação e as redes sociais digitais como importantes ferramentas para garantir que as estruturas deliberativas permaneçam como articuladores das arenas públicas.

A inclusão dos ambientes online nas pesquisas sobre deliberação, todavia, é fonte de controvérsias: de um lado, autores que defendem que somente se alcança a deliberação diante de condições especiais, ou seja, de um cenário controlado; de outro, a crescente defesa do potencial deliberativo de ambientes que não possuem a deliberação como fim - os chamados “terceiros espaços” (MENDONÇA; SAMPAIO; BARROS, 2016). Como afirmam Mendonça, Sampaio e Barros (2016, p.40): “Apesar da concentração dos estudos nos espaços formais e/ou gestados para discutir política, boa parte da sociabilidade política ocorre fora destes espaços, o que demanda uma expansão dos objetos de estudo”.

MATERIAL E MÉTODOS

A partir das categorias propostas por Stromer-Galley (2007), inspiradas na teoria deliberativa de Jürgen Habermas, serão analisados os comentários de seis *posts* do blog feminista brasileiro *Escreva, Lola, escreva* (ELE), visando fornecer elementos para a discussão sobre a deliberação na internet.

O ELE é um blog escrito por Lola Aronovich, doutora em Língua Inglesa pela UFSC e professora da Universidade Federal do Ceará. Segundo sua própria descrição, o blog é não-acadêmico e aborda assuntos como feminismo, cinema, literatura, política e mídia. O blog existe desde 2008 e nasceu como um blog de crônicas de cinema, mas ao longo do tempo foi se tornando um espaço de variadas discussões políticas. Sendo assim, é um blog feminista, mas também se solidariza com as lutas de outros movimentos sociais, como o movimento LGBT, e busca discutir em seus *posts* diversos tipos de preconceitos, entre eles o racismo e a transfobia.

Justifica-se a escolha de um blog pessoal para esta análise tendo em vista que sua característica mais marcante é justamente a interatividade que proporciona, principalmente através do espaço destinado aos comentários dxs leitorxs que, apesar de ser um espaço plural, é conduzido por uma autora que estabelece suas próprias regras ao debate. Essa característica favorece a comunicação horizontal e democrática.

Além disso,

A estrutura da ferramenta - postagens seguidas de comentários - e a relação entre autor e leitores - que também pode ser aferida a partir da forma como os leitores são convidados a participar - tornam esse ambiente propício à troca de argumentos justificados e à presença de respeito entre os interlocutores. Isso porque: (a) participações desrespeitosas podem ser censuradas; (b) blogs reúnem leitores assíduos que, ao longo do tempo, podem estabelecer relações sociais, tanto com o autor como com os demais leitores (MAIA *et al*, 2016, p.478-9).

Como corpus da pesquisa foram escolhidos os *posts* do mês de março de 2016, que tratassem do tema feminismo e que tivessem mais do que 100 comentários. Se enquadraram em tais requisitos os *posts* a seguir, que ao todo somaram 1.079 comentários:

- Pornografia existiria num mundo sem estupro?⁷⁷
- A sina das mulheres que ousaram viajar “sozinhas”⁸⁸
- Por que lavar roupa é trabalho apenas da mãe?⁹⁹
- Não ser tão gostosa: a dificuldade da maior surfista brasileira¹⁰⁰
- O machismo de Lula¹¹¹
- Pelo uso do short: “se você está sexualizando o corpo de uma adolescente, você é o problema”¹²²

Duas pesquisadoras realizaram a codificação dos comentários, seguindo um livro de códigos adaptado a partir das categorias propostas por Stromer-Galley (2007): justificação expressa da opinião, fonte, divergência, igualdade, tópico e engajamento, que serão detalhadas a seguir.

Previamente à categorização que marca os princípios deliberativos, os comentários foram classificados de acordo com o tipo de pensamento expresso: problema, meta-conversa e social. Os comentários que falavam sobre a visão do sujeito referente a uma temática específica, sendo ela relacionada ou não ao tema do *post*, foram definidos como problema. Aqueles que tratavam sobre a própria conversa, ou seja, que se referiam à estrutura da fala de um sujeito e não ao conteúdo dela, ou ainda, que se referiam ao próprio sujeito, foram categorizados como meta-conversa. Por último, são sociais os comentários ou trechos de comentários que objetivavam estabelecer relações com outros comentaristas, seja através de cumprimentos, pedidos de desculpa, parabenizações ou bate-papo.

Passando agora para as categorias deliberativas, a primeira delas se relaciona com a justificação expressa da opinião, que, de acordo com a Teoria da Ação Comunicativa (HABERMAS, 1984), é evidenciada naquelas asserções que podem ser verificadas empiricamente a partir de evidências. Assim, os comentários foram divididos entre racionais ou emocionais. Foram classificadas como racionais os textos que ofereciam justificação, mesmo que baseada na experiência pessoal ou em observações do sujeito.

O modo de elaboração da argumentação também é importante marcador para verificar a racionalidade da deliberação, assim, foi medido se os sujeitos baseiam sua argumentação em sua experiência pessoal, em outros comentaristas, na mídia de massa, em livros, na autora do blog ou em outras fontes, como artigos científicos e fontes religiosas.

Outro indício da deliberação é a divergência, vista como “*a sign that there is a problem in need of a solution, a conflict in need of consideration and resolution. It also is a sign that there are participants in the dialogue with distinct views on a particular issue. This difference suggests heterogeneity of perspectives.*”¹³¹³ (STROMER-GALLEY, 2007, p. 5). A divergência é importante para medir o potencial deliberativo de uma conversa porque indica uma diversidade de pontos de vista, além disso, o diálogo com outros pontos de vista pode atenuar a polarização das posições políticas, bem como oferece aos participantes a possibilidade de revisão de suas opiniões ou de reforçá-las

com argumentos mais racionais. Este indício foi medido a partir de duas perspectivas: os comentários que abordavam um problema em si foram classificados como de opinião, acordo ou convergência, desacordo ou divergência, fato e questionamento genuíno; já os categorizados como meta-conversa foram codificados como consenso, conflito, esclarecimento da própria opinião, esclarecimento da opinião de terceiro e questionamento. Importante ressaltar que um comentário de meta-conversa pode ser codificado como consenso e conflito ao mesmo tempo, o que aconteceu nos casos em que umx comentarista apoia outrx comentarista no conflito com um grupo ou sujeito participantes da conversa.

A igualdade, vista como elemento essencial da deliberação, pois em uma conversa deliberativa xs participantes devem possuir iguais condições de participação, não foi medida nesta pesquisa. Para medi-la seria necessário a verificação de quantas e quais são as pessoas que participaram da conversa, mas, uma vez que grande parte dxs comentaristas são anônimxs, essa verificação se torna impossível. Além disso, ainda que a princípio qualquer pessoa possa comentar os *posts* do blog, em alguns *posts* os comentários são moderados pela autora do blog, que exclui os que apresentam linguagem depreciativa, com a justificativa de manter a qualidade do debate.

A próxima categoria abordada se refere ao tema da conversa, que também permite a medição do grau deliberativo de um debate, pois, conforme afirma Stromer-Galley (2007, p.6), “*if the discussion is off topic, then the deliberation cannot meet its objective of deep consideration of an issue*1414”. Assim, os comentários foram divididos entre fora do tema, que fugiam do assunto discutido no *post*, definido como o assunto prioritário da conversa; estrutural, que tratavam diretamente do assunto discutido no *post* em questão; e relacional, que não se referiam diretamente ao assunto prioritário, mas que abordavam temas adjacentes a ele.

Finalmente, o engajamento foi medido através do turno da fala, no qual o sujeito poderia estar elaborando uma fala nova, continuando uma fala anterior ou respondendo a outrxs comentaristas. Também podendo ser chamada de reciprocidade, essa categoria indica se xs participantes se empenham em diálogos ou estão mais direcionados a promover monólogos para um público de ouvintes.

O livro de códigos gerado pelas categorias explicadas acima é resumido na Tabela 1 abaixo.

Tabela 1 – Livro de códigos

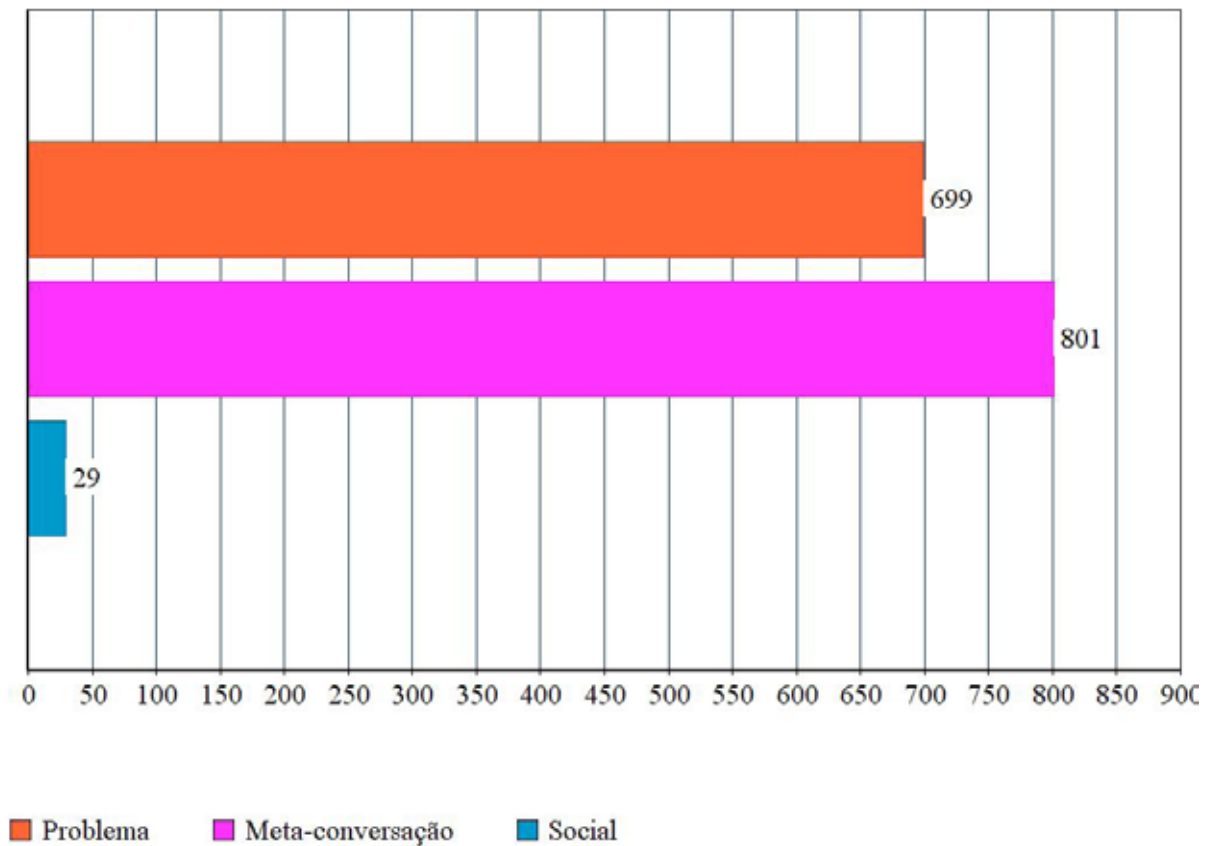
CATEGORIAS	00	01	02	03	04	05	06
PENSAMENTO		Problema	Meta conversação	Social			
RACIONALIDADE		Racional	Emocional				
TURNO		Novo	Continuação	Resposta a comentarista			
PROBLEMA	Não se aplica	Opinião	Convergência	Divergência	Fato	Questão genuína	
META CONVERSAÇÃO	Não se aplica	Consenso	Conflito	Esclarece fala própria	Esclarece outra fala	Questionamento	
SOCIAL	Não se aplica	Cumprimento	Desculpas	Parabenização	Bate-papo		
TEMA	Desconhecido	Fora do tema	Estrutural	Relacional			
ELABORAÇÃO	Sem elaboração	Experiência pessoal	Outro comentarista	Mídia de massa	Livros	A autora do blog	Outros

Fonte: elaboração própria.

COMO ELXS DISCUTEM QUESTÕES DE GÊNERO?

A primeira categoria analisada expôs o tipo de pensamento contido no comentário. Conforme a Figura 1 demonstra, somente 29 comentários (2,68%) continham trechos caracterizados como social, a maior parte deles se referia à própria conversação (74,23%), seguidos pelos comentários que focavam no problema (64,78%). Cabe dizer que o mesmo comentário poderia conter trechos das três categorias concomitantemente.

Figura 1 - Tipologia

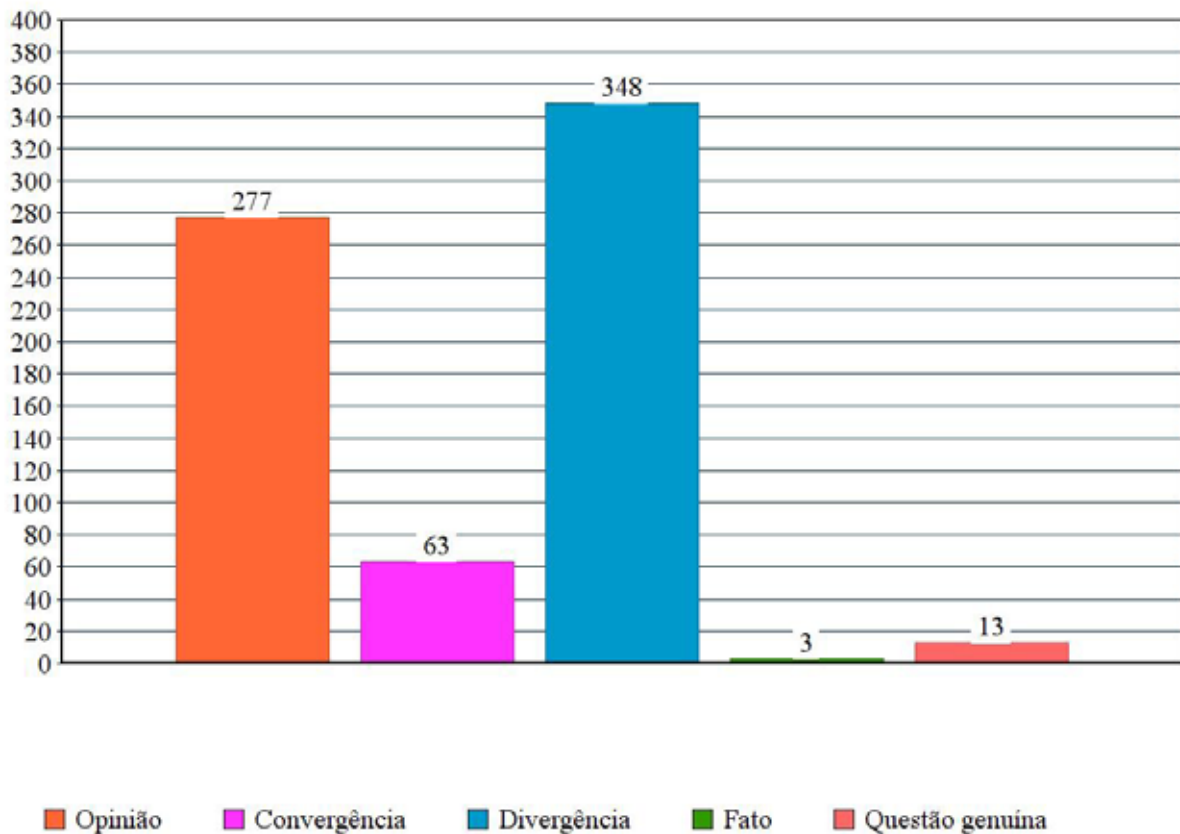


Este número teve alguma varia o quando os *posts* foram considerados separadamente. No *post* “O machismo de Lula”, 82,5% dos comentários traziam a discussão do problema em si. O *post* sobre a rela o entre a pornografia e o estupro, por sua vez, apresentou ainda mais comentários categorizados como meta-conversa o que os demais: a porcentagem chegou a 81,8%. Esse número se justifica por uma briga entre xs comentaristas, que também fez com que este *post* tivesse um maior número de comentários relacionais, como será visto a seguir. Trata-se de uma discussão que envolvia como personagem central um comentarista que defendia a opinião de que os homossexuais constituem grande parte dos estupradores, uma vez que, segundo ele, a maior parte dos pedófilos são homossexuais.

Metodologicamente, a divisão dos comentários de acordo com essa tipologia   útil para compreender a divergência como indício da delibera o: além de indicar diversidade de opiniões, a existência de pontos de vista diversos favorece a revisibilidade de opiniões e a racionalidade da argumenta o. Neste ponto a conversa o online se mostrou com alto potencial deliberativo. Os comentários que promoviam a discussão de problemas se concentravam em dois tipos principais (Figura 2): os que expunham uma opinião

pessoal sobre o tema (39,62%) e os que discordavam da opinião da autora do blog ou de outrxs comentaristas (49,78%). A convergência, a exposição de fatos ou utilização de questões genuínas apareceram em número muito mais baixo. Esse dado foi coincidente em todos os *posts*.

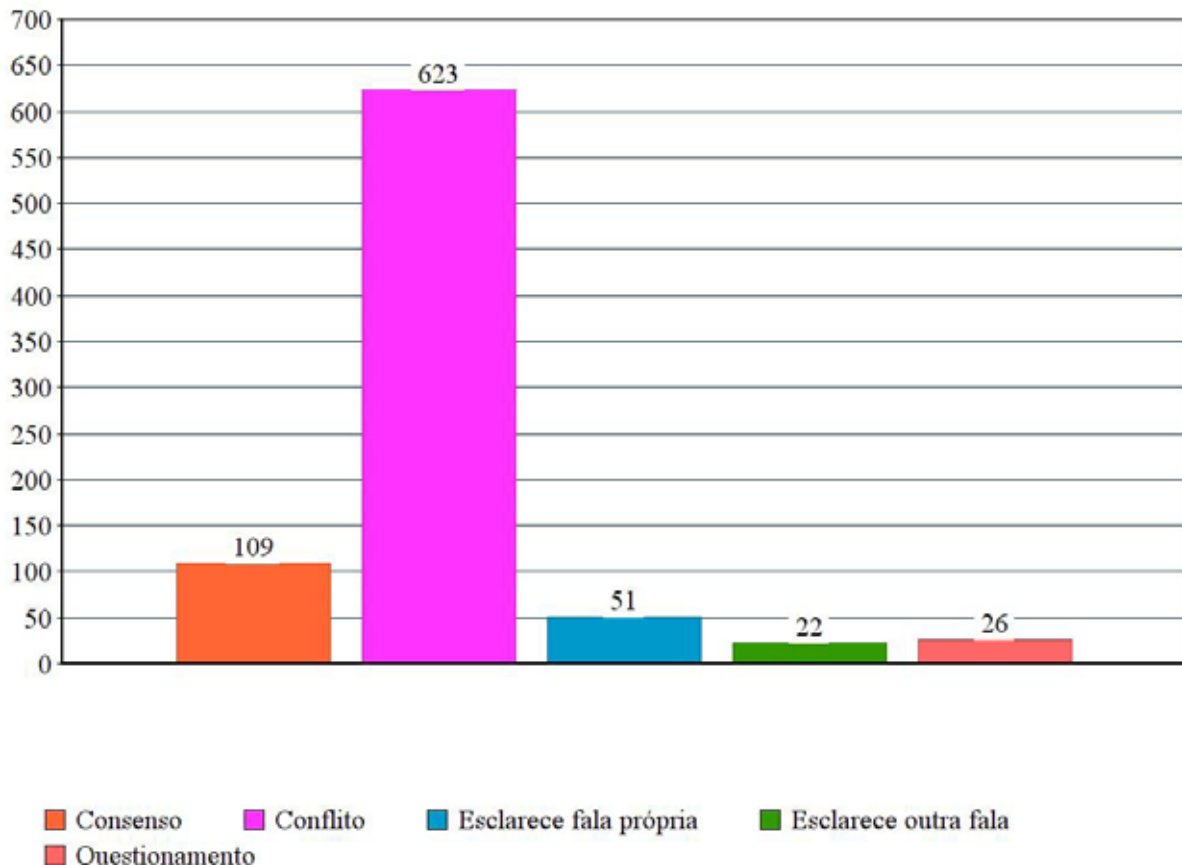
Figura 2 - Problema



Na mesma direção, os comentários que promoviam a meta-conversa apresentavam conflito (77,77%) em sua grande maioria (Figura 3). Em todos os *posts* o conflito manteve-se acima dos 70%. Ressalta-se que alguns comentários apresentavam consenso e conflito ao mesmo tempo, como é exemplo o trecho a seguir, em que x comentarista manifesta apoio a outrx comentarista em relação a um conflito com umx terceirx: “definiu perfeitamente, foi o q eu quis dizer, essa gentalha chamada omi [sic] não cansa de falar MERDA [sic] titia é uma comentarista muito inteligente, sempre no ponto” (Anônimo, 30 de março de 2016, 20:45). Poucas vezes o esclarecimento foi utilizado nos comentários de meta-conversa, seja ele de fala própria ou de fala de terceirx, o comentário a seguir, do post “Pornografia existiria num mundo sem estupro?” exemplifica o esclarecimento de fala de terceiro, ao justificar porque x comentarista repetiu mais de uma vez o mesmo argumento: “Sim, todo mundo tá careca de saber disso, é q

tem um chato q insiste na mesma tecla, os argumentos (dele) já tá saturando, tá dando sono” (Anônimo, 28 de março de 2016, 20:13).

Figura 3 - Meta conversação



A presença da divergência sugere, como vimos, que existe uma heterogeneidade de pontos de vista, além de indicar que xs participantes estão efetivamente ouvindo diferentes perspectivas. Entretanto, é fundamental diferenciar os dois casos. A divergência de opiniões encontrada nos comentários do tipo ‘problema’ depende de justificção e contribui para elevar a qualidade da argumentação, gerando uma pluralidade de argumentos positiva para a deliberação. Já o conflito presente na maior parte dos comentários do tipo ‘meta-conversação’ aponta para a controversa levantada por Maia *et al* (2016, p.471):

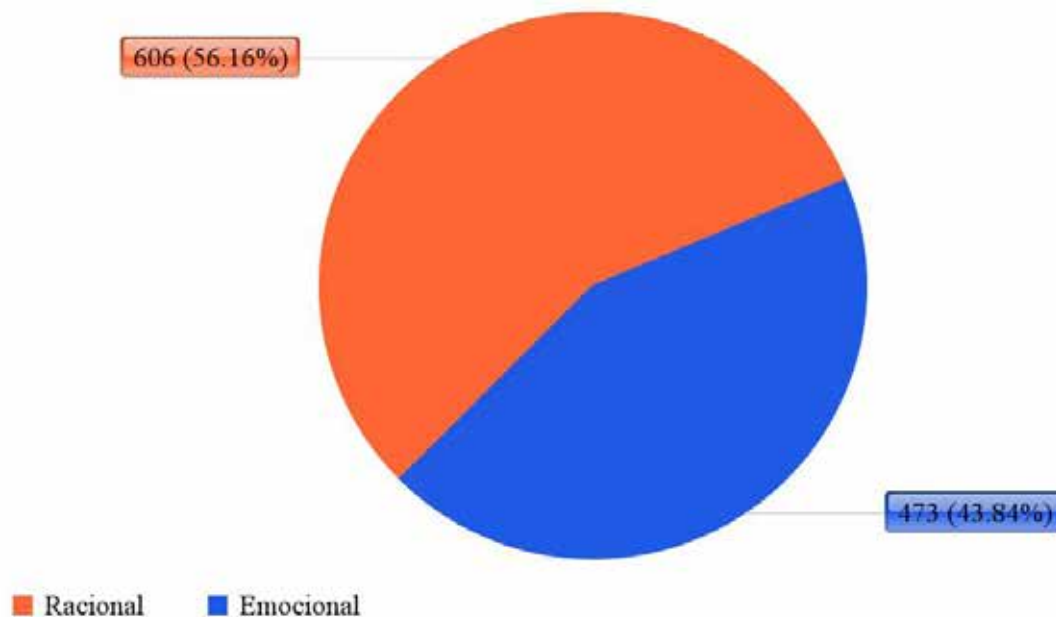
[...] por um lado, o anonimato contribui para aumentar a liberdade de expressão dos sujeitos, sobretudo em debates sobre temas constrangedores ou tabus; por outro lado, o anonimato, ao resguardar a identidade dos interagentes, pode facilitar a emergência de comportamentos agressivos, desrespeitosos e preconceituosos. [...] Davies e Chandler (2012) observam que o anonimato pode aumentar a disposição dos indivíduos em participar do debate, mas tende a reduzir o sentimento de satisfação destes devido à distância emocional entre interlocutores - ou seja, em ambientes onde a identidade real é resguardada pela utilização

de apelidos ou onde não há necessidade de apresentar alguma forma de identificação para participar. Ademais, os indivíduos tendem a tratar seus interlocutores com distanciamento e a não considerar suas opiniões, o que, por fim, contribui para que as trocas discursivas apresentem níveis mais baixos de respeito e reflexividade.” (MAIA *et al*, 2016, p.471)

Referente à tipologia dos comentários, destaca-se que um número muito baixo de comentários se encaixaram na tipologia ‘social’, somente 2,68%. Quando esse tipo de comentário apareceu foi quase sempre como forma de parabenização - quando um sujeito parabeniza outro por sua opinião, eloquência ou ação -, com 65,5% das vezes, seguido por bate-papo em 20,68% das vezes. Cumprimentos e pedidos de desculpa apareceram somente duas vezes cada um. O exemplo a seguir ilustra um caso de parabenização: “LOLA, PARABÉNS pelo blog!!!! Precisamos de feministas como vc que tem a casca grossa e o grelo duro.” (Anônimo, 17 de março de 2016, 23:49).

Quanto à justificação da opinião, surpreende que a maior parte dos comentários adotaram um tom racional (Figura 4). Que só foi superado nos *posts* “Pornografia existiria num mundo sem estupro?”, no qual 67,7% dos comentários eram emocionais, e “Não ser tão gostosa: a dificuldade da maior surfista brasileira”, com 61,43% de comentários emocionais. Nos dois casos os comentários se concentraram mais na meta-conversa do que no problema (no *post* sobre pornografia, a discussão do problema aparecia somente em 36,9% dos comentários e, no *post* sobre o machismo contra a surfista brasileira, 75,16% dos comentários apresentaram trechos de meta-conversa). Os comentários de meta-conversa geralmente não eram acompanhados de justificação, como é exemplo o seguinte comentário do *post* sobre pornografia: “De onde vc tirou que falsos estupros são comuns, Anonimo das 11:40? Dados? Estatísticas? Pesquisas sérias? Ou vc tirou tudo isso do Instituto Mascu As Vozes me Disseram? Acorda pra vida, neném. Existe um mundo vasto, grande e complexo além da porta do seu quarto” (Mallagueta Pepper, 29 de março de 2016, 11:47).

Figura 4 - Racionalidade



Os resultados apontam que a justificção expressa da opinião ocorreu nas conversações analisadas de maneira moderada. Em primeiro lugar, registra-se que mais de 56% dos comentários eram de cunho racional, mesmo assim, mais de 60% do total não apresentava qualquer elaboração. Isso significa que a racionalidade está presente nas discussões online, mas é afetada principalmente pela alta presença de meta-conversação. Xs comentaristas parecem mais inclinados à participação quando motivados pelo conflito com outrxs comentaristas, que, ainda que algumas vezes seja marcado pela argumentação racional relacionada ao tópico em questão, na maior parte delas é caracterizado pelo desrespeito com o sujeito detentor de posição divergente. Essa observação comprova-se quando verificados isoladamente somente os comentários do tipo ‘problema’. Nesse caso, a porcentagem de comentários racionais sobe para 76,5%.

Cabe ressaltar, todavia, conforme sugerem Mendonça, Sampaio e Barros (2016, p.41), que:

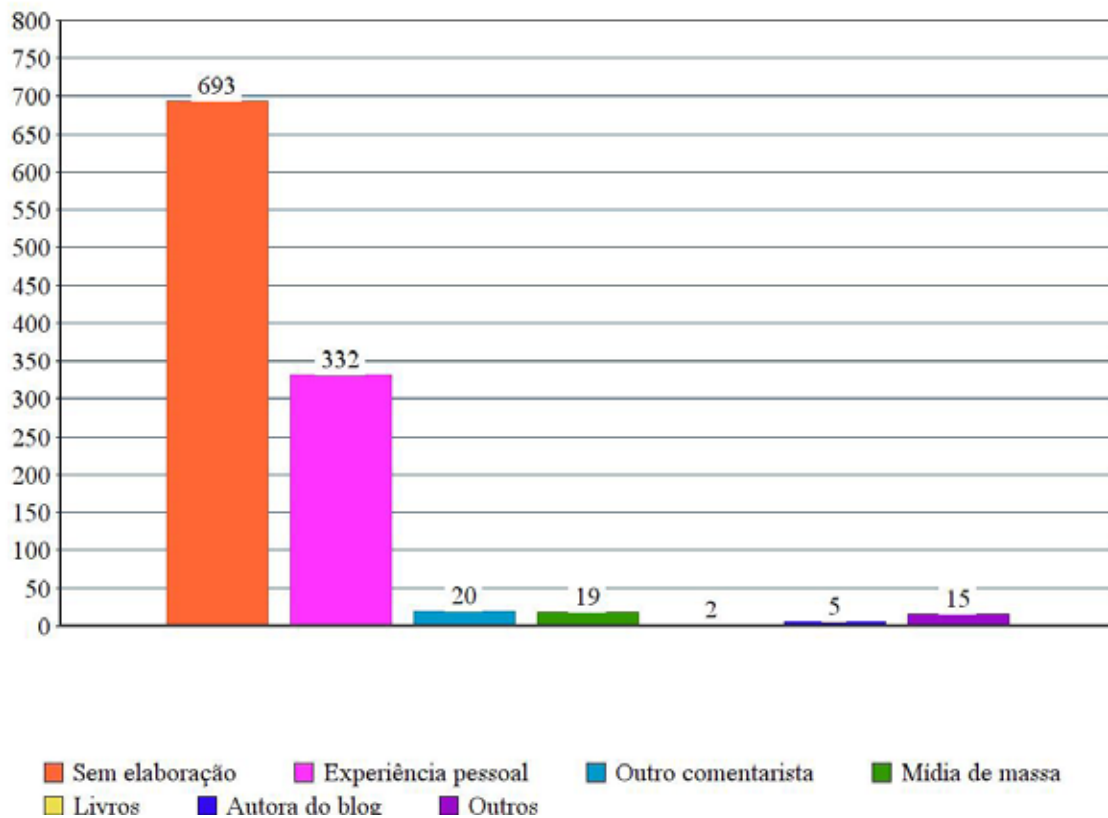
Nesse sentido, também os critérios a partir dos quais se avalia a deliberação on-line estão sob revisão por uma série de autores. A principal crítica é que a grade analítica clássica favorece modelos elitistas de deliberação ao valorarem excessivamente a racionalização. Por exemplo, Graham (2012) defende a análise do uso de expressões de humor, comentários

emocionais e agradecimentos, uma vez que, em alguns ambientes, estes elementos desempenham um importante papel de fomentador da discussão política.

A fonte utilizada para a elaboração do posicionamento particular também é indicativa da justificativa da opinião. Mais de 60% do total dos comentários não apresentavam qualquer elaboração argumentativa (Figura 5). A falta de elaboração pôde ser percebida mesmo em comentários expostos de maneira racional, como é exemplo o comentário a seguir, do *post* “O machismo de Lula”: “A pastora que espancou a Tamires é uma vítima passiva reprodutora do machismo” (Anônimo, 17 de março de 2016, 20:35). Dxs que expuseram argumentos justificados, mais de 80% elaboraram seus argumentos a partir de experiências pessoais. Esses resultados vão ao encontro da argumentação de Dutwin (2002) de que os sujeitos utilizam principalmente suas experiências pessoais como base argumentativa durante o processo deliberativo. A referência explícita à mídia de massa como fonte de opinião ocorreu somente em cerca de 2% dos casos. Ressalta-se que isso não significa que os sujeitos não se baseiem na mídia de massa ao proferir uma opinião, mas tão somente que não atribuem a ela a responsabilidade por tal, quer dizer, ainda que suas posições políticas sejam grandemente influenciadas pela mídia, o sujeito nega ou não reconhece essa influência.

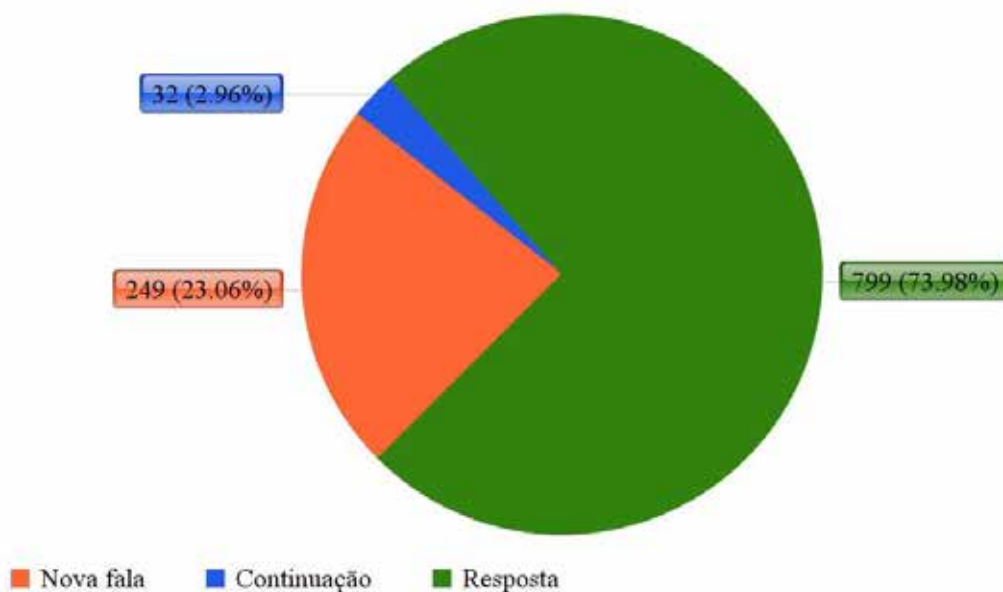
Se verificados, entretanto, somente os comentários do tipo ‘problema’, o percentual de comentários sem elaboração cai para 49,4%. Entre aqueles que contém elaboração, mantém-se a porcentagem de 80,8% de argumentos embasados por experiências pessoais e 2,6% embasados na mídia de massa.

Figura 5 - Elaboração



O grau de engajamento ou reciprocidade encontrado foi alto, mais de 70% dos comentários respondiam a outros participantes (Figura 6). Esse número só ficou abaixo dos 70% nos posts “O machismo de Lula” e “Pelo uso dos shorts”.

Figura 6 - Turno de fala



O fato do número de falas novas ser bem abaixo do número de respostas sugere que xs comentaristas mantiveram a discussão dentro do tópico introduzido, quase sempre construindo sua argumentação em relação ao que xs outrxs participantes estavam dizendo. A elevada presença de comentários do tipo ‘meta-conversaçoão’ também é indício de engajamento dos sujeitos. Ainda que a maior parte dos comentários assim classificados indique conflito, registrou-se a presença de comentários de clarificação de argumentos próprios ou de terceirxs, o que demonstra atenção à fala dxs demais participantes. O consenso, registrado em 13,6% dos comentários, significa, como explica Stromer-Galley (2007), que xs participantes buscavam sumarizar os pontos de vista expressos.

Se excluídos os comentários que realizavam somente a meta-conversaçoão, os números sofrem pequena alteração: cai para 63,87% o percentual de comentários que respondiam outrxs participantes, e sobe para 33,5% os que introduziam uma nova fala.

A referência à fala de outrxs participantes também é sinal de engajamento, uma vez que usar um comentário anterior como fonte de argumentos significa que outros sujeitos estão sendo ouvidos e suas perspectivas estão sendo incorporadas à posição inicial do sujeito (STROMER-GALLEY, 2007). A referenciaçoão explícita à fala de outrxs participantes só aconteceu, entretanto, em menos de 2% dos comentários analisados. Porém, da mesma maneira que já levantado em relação à mídia de massa como fonte de argumentação, isso não significa que a fala de terceirxs não seja considerada pelxs participantes, mas tão somente que essa identificação não ocorre explicitamente.

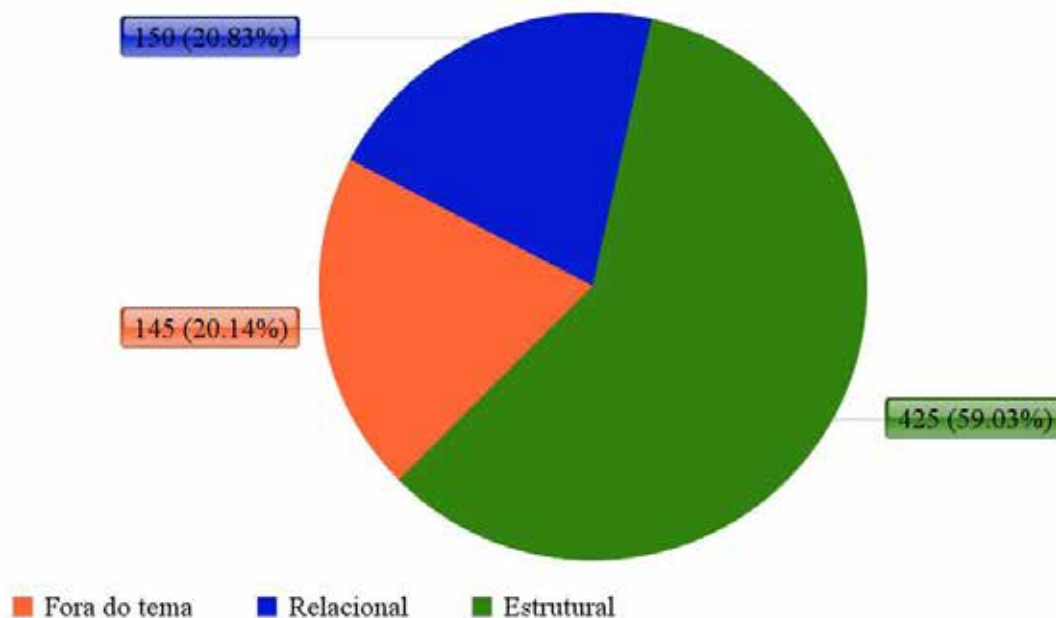
Por fim, a temática é importante categoria a ser considerada, uma vez que *“If participants discuss issues that are not on the problem they were asked to consider, then their opinions are not likely to be further rationalized or altered, because they were not articulating nor were they exposed to perspectives on that problem”* (STROMER-GALLEY, 2007, p. 19).

Alguns comentários não puderam ser classificados quanto à temática, uma vez que através do conteúdo não foi possível identificar o tema a que se referiam. Isso aconteceu, na maior parte das vezes, em comentários conflituosos de meta-conversaçoão, em que x comentarista criticava a opinião de outrx comentarista, mas não retomava o tema diretamente.

Do restante, somente 20,14% não trataram do tema promovido pelo *post* (Figura 7). A maior parte, 59,03% se referiam ao tema estrutural, ou seja, não desviavam do assunto

em debate, enquanto 20,83% tratavam de temas adjacentes ao principal, como por exemplo os comentários no *post* sobre pornografia e estupro que focaram na relação da orientação sexual com o estupro (o conflito foi estabelecido por um comentarista que defendeu a ideia de que os homossexuais estupram mais do que os heterossexuais, a maior parte dxs participantes se posicionou contrariamente a ele). Ou ainda, o comentário abaixo, que tratou da temática do impeachment em uma discussão no *post* sobre a frase polêmica dita por Lula: “Só que contra o Collor tinham provas né, não era essa palhaçada que vemos contra Dilma. E no caso Collor ainda tem um diferencial, o grupo que colocou foi o mesmo grupo que tirou: a globo.” (Anônimo, 18 de março de 2016, 00:20).

Figura 7 - Tema



No caso em que são considerados somente os comentários que abordavam o problema, percebemos nesse indício uma diferença significativa: os comentários *off topic* caem para 11,25%, os estruturais sobem para 72,13%, e os relacionais atingem 16,6%. Essa alteração sugere que os comentários de meta-conversa possuem uma maior tendência em desviar-se do tema proposto, especialmente porque, como estão focados no conflito, o comentário tende a ser centrado no sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de um tema previamente definido - o feminismo - este artigo se propôs a averiguar o potencial deliberativo de determinada conversação online. Os resultados da análise realizada a partir da categorização de 1.079 comentários distribuídos em seis *posts* do blog *Escreva, Lola, escreva*, considerado um dos mais importantes blogs feministas brasileiros, forneceram indicativos importantes para a discussão sobre a problemática da deliberação online. Tivemos como hipótese que as características do anonimato e da distância, próprias da conversação mediada por computador, seriam determinantes. De fato, notou-se que a conversação se centrou sobretudo no conflito entre os sujeitos marcado pelo desrespeito, que se ameniza nas conversações face-a-face. Entretanto, outros indícios da deliberação estiveram fortemente presentes.

No geral, a conversação online sobre questões de gênero apresentou um alto índice de divergência, benéfico para a deliberação, uma vez que assinala a existência de pontos de vista diferentes e propende o sujeito a trabalhar sua argumentação, bem como denota a presença de engajamento; o engajamento foi indício confirmado a partir da verificação do turno da fala, pois a maior parte dos comentários respondiam outrxs participantes; a racionalidade se mostrou moderada, no entanto, com baixa incidência de elaboração, que, quando ocorria, era baseada sobretudo nas experiências pessoais dxs participantes; surpreendeu o baixo número de comentários que não se referiam ao tema proposto pelo *post* em debate, indicando que os sujeitos foram expostos à perspectivas focadas no tópico em voga, favorecendo assim a articulação dos diferentes pontos de vista, podendo levar à racionalização e até mesmo à alteração da opinião particular. À primeira vista, então, a conversação online sobre questões de gênero, no blog analisado, mostrou-se com considerável potencial deliberativo.

Este é um resultado positivo para a realização dos objetivos do blog estudado, bem como para as demandas do movimento feminista, pois acreditamos que a desnaturalização das opressões sofridas pelas mulheres, bem como por outros grupos minoritários, passa necessariamente pelo debate público ampliado, que pode auxiliar na revisibilidade de discursos contrários ao feminismo.

Consideramos, porém, que este potencial só pode ser efetivamente mensurado quando em comparação com outras práticas deliberativas. Assim, como continuação desta pesquisa pretende-se realizar grupos focais com leitorxs do blog *Escreva, Lola, escreva*,

que serão incentivadas a discutir os mesmos *posts* abordados neste artigo, possibilitando a comparação entre o potencial deliberativo da conversação online e da conversação face-a-face. Acreditamos que a pesquisa comparativa permite alcançar resultados relevantes no que diz respeito ao controle da hipótese de pesquisa formulada, possibilitando uma explicação mais bem fundamentada sobre o fenômeno da deliberação.

REFERÊNCIAS

BOHMAN, James. The coming of age of deliberative democracy. *The journal of political philosophy*, volume 6, nº 4, pp. 400-425, 1998.

DUTWIN, David J. *Can people talk politics? A study of deliberative democracy*. (Dissertation, University of Pennsylvania). 2002. Disponível em: <http://repository.upenn.edu/dissertations/AAI3043865>. Acesso em 25 de mar. de 2016.

FRASER, Nancy. O que é crítico na Teoria Crítica: o argumento de Habermas e o gênero. In: BENHABIB, Seyla; CORNELL, Drucilla. *Feminismo como crítica da modernidade*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987. p. 38-65.

GUTMANN, Amy; THOMPSON, Dennis. *Why deliberative democracy?* Princeton: Princeton University Press, 2004.

HABERMAS, Jurgen. *The theory of communicative action: Reason and rationalization of society* (T. McCarthy, Trans. Vol. 1). Boston, MA: Beacon Press, 1984.

_____. *Direito e democracia: entre facticidade e validade*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

_____. Political communication in media society: does democracy still enjoy an epistemic dimension? The impact of normative theory on empirical research. *Communication Theory*, v.16, 2006, pp. 411-426.

MARQUES, Ângela C. S.; MAIA, Rousiley. Everyday Conversation in the Deliberative Process: An Analysis of Communicative Exchanges in Discussion Groups and Their Contributions to Civic and Political Socialization. *Journal of Communication*, 60, p.611-635, 2010.

MAIA, Rousiley. *Mídia e deliberação*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

MAIA, Rousiley; ROSSINI, Patricia G. C.; OLIVEIRA, Vanessa V.; OLIVEIRA, Alicianne G. Sobre a importância de se examinar diferentes ambientes on-line em estudos de deliberação a partir de uma abordagem sistêmica. In MENDONÇA, Ricardo Fabrino; SAMPAIO, Rafael Cardoso; BARROS, Samuel Anderson. *Deliberação on-line no Brasil: entre iniciativas de democracia digital e redes sociais de conversação*. Salvador: EDUFBA, 2016.

MANSBRIDGE, Jane. Everyday talk in the deliberative system. In: MACEDO, S. **Deliberative politics: essays on democracy and disagreement**. New York: Oxford University Press, 1999. p. 211-239.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino; SAMPAIO, Rafael Cardoso; BARROS, Samuel Anderson. **Deliberação on-line no Brasil: entre iniciativas de democracia digital e redes sociais de conversação**. Salvador: EDUFBA, 2016.

RECUERO, Raquel. Elementos para a análise da conversação na comunicação mediada pelo computador. **Verso & Reverso**, v.22, n.51, 2008.

SAMPAIO, Rafael; MAIA, Rousiley; MARQUES, Francisco Paulo Jamil. Deliberações ampliadas ou restritas: perspectivas de integração. **Comunicação & Sociedade**, ano 32, n. 55, p. 203-229, jan./jun. 2011.

SARMENTO, Rayza. Entre tempos e tensões: o debate mediado antes e depois da sanção da lei brasileira de combate à violência contra a mulher (2001 a 2012). **Revista Feminismos**, vol. 2, no. 1, jan./abr. 2014.

STROMER-GALLEY, Jennifer. Measuring Deliberation's Content: A Coding Scheme. **Journal of Public Deliberation: Vol. 3: Iss. 1**, 2007.

YOUNG, Iris Marion. **Inclusion and democracy**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

NOTAS

- 1 “Nesses momentos, os parceiros em interação podem se concentrar em trocas visando a compreensão recíproca, tentando suscitar conflitos latentes por meio de racionalidade comunicativa e/ou persuasão.” (MARQUES; MAIA, 2010, p.614, tradução nossa).
- 2 “Uma forma de governo em que os cidadãos livres e iguais (e seus representantes) justificam as decisões em um processo em que se dão uns aos outros motivos mutuamente aceitáveis e geralmente acessíveis, com o objetivo de chegar a conclusões que sejam vinculativas no presente para todos os cidadãos mas abertos a questionamentos no futuro” (GUTTMANN; THOMPSON, 2004, p. 7, tradução nossa).
- 3 “Cada um sozinho é susceptível de ser confundido se tomado de forma abrangente, todos juntos são susceptíveis de serem incoerentes se tomados completamente, mas todos juntos são susceptíveis de serem instrutivos se tomados parcialmente. Uma democracia pode governar efetivamente e prosperar moralmente se seus cidadãos procuram esclarecer e estreitar seus desacordos deliberativos sem renunciar a seus compromissos morais fundamentais” (GUTTMANN; THOMPSON, 2004, p. 28, tradução nossa).
- 4 “Trabalhar não apenas para tornar as instituições mais familiares da democracia mais amigáveis para a deliberação, mas também para estender o âmbito da deliberação às instituições onde antes não se atreveu a ir” (GUTTMANN; THOMPSON, 2004, p. 56, tradução nossa).
- 5 “Algumas interações comunicativas são mais cooperativas, enquanto outras são propensas a conflito, aumentando a distância em vez de diminuí-la (MARQUES; MAIA, 2010, p.614, tradução nossa).
- 6 “Conover e Searing (2005) reconhecem que a prática da deliberação é muito mais rigorosa que as conversas informais diárias sobre questões de interesse público. Estes autores, por outro lado, seguem a abordagem de Mansbridge ao afirmar que as conversas políticas cotidianas, embora frequentemente dispersas em caráter e fracas na qualidade deliberativa, parecem produzir certas conseqüências desejáveis, ou seja, formar cidadãos autônomos, informados e críticos. Estas são conseqüências muitas vezes atribuídas a práticas de deliberação mais rigorosas” ((MARQUES; MAIA, 2010, p. 615-616, tradução nossa).

- 7 Disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2016/03/pornografia-existiria-num-mundo-sem.html>. Trata-se de um *post* em que a autora discute a relação entre a pornografia e a cultura do estupro, segundo ela a pornografia ensina aos homens que “elas [as mulheres] estão sempre dispostas. Não só a ter um parceiro, mas três ou quatro ao mesmo tempo. Que elas gostam inclusive de violência.”
- 8 Disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2016/03/a-sina-das-mulheres-que-ousaram-viajar.html>. O *post* relata o caso de duas mulheres argentinas que foram assassinadas enquanto viajavam pela América do Sul. A autora critica comentários que culpabilizaram as vítimas afirmando que duas mulheres não deveriam viajar “sozinhas”.
- 9 Disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2016/03/por-que-lavar-roupa-e-trabalho-apenas.html>. Usando como ponto de partida um comercial indiano de uma marca de sabão em pó, que mostra um pai pedindo desculpas à filha por tê-la criado acreditando que os afazeres domésticos são tarefas femininas, o *post* discute a divisão sexual do trabalho doméstico.
- 10 Disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2016/03/nao-ser-tao-gostosa-dificuldade-da.html>. O *post* discorre sobre uma surfista profissional brasileira e as dificuldades encontradas por ela para conseguir patrocínio por ser mulher e por não se enquadrar no padrão de beleza imposto socialmente.
- 11 Disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2016/03/o-machismo-de-lula.html>. Neste *post* a autora do blog discute uma fala do ex-presidente Lula, registrada em um áudio vazado durante as investigações da Lava-Jato. Em um telefonema Lula questionou: “Cadê as mulher de grelo duro lá do nosso partido?”. A frase gerou bastante polêmica porque houve polarização de opiniões a respeito da expressão utilizada ser ou não ser machista.
- 12 Disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2016/03/pelo-uso-do-short-se-vc-esta.html>. Trata-se de um *guest post* que discorre sobre a campanha online #vaitershortinhosim, criada por alunas de uma escola de Porto Alegre, que proibiu o uso de shorts pelas meninas.
- 13 “Um sinal de que há um problema na necessidade de uma solução, um conflito que precisa de consideração e resolução. Também é um sinal de que há participantes no diálogo com pontos de vista distintos sobre uma questão específica. Esta diferença sugere heterogeneidade de perspectivas.” (STROMER-GALLEY, 2007, p. 5, tradução nossa).
- 14 “Se a discussão está fora do tópico, então a deliberação não pode cumprir seu objetivo da consideração profunda de uma questão” (STROMER-GALLEY, 2007, p. 6, tradução nossa).
- 15 “Se os participantes discutirem questões que não são sobre o problema que lhes foi pedido para considerar, então suas opiniões não são susceptíveis de serem racionalizadas ou alteradas, porque eles não estavam articulando nem foram expostos a perspectivas sobre esse problema” (STROMER-GALLEY, 2007, p. 19, tradução nossa).

Artigo submetido em: 13 de junho de 2016.

Artigo aceito em: 20 de abril de 2017.